

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA

LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.

1º. 13, 14.

## SUMMARIO:

**R**ÉPUBICA, por Dom Antonio de Almeida.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Jubileo da Porciuncula, concedido ao Patriarcha S. Francisco d'Assis*, por Cornego. SECÇÃO HISTORICA: *Aguas medicinaes em Portugal (conclusão)*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos. SECÇÃO ILLUSTRADA: *O Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus*, por R. SECÇÃO LITTERARIA: *Poesias posthumas de José Moreira Bello. O anjo da oração*.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *Os Frades*, pelo Padre José Victorino Pinto do Carvalho. —RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. do Freitas.—*Expediente*.

Guimarães

30 de Setembro  
de 1885

## RÉPUBICA

**L**A République sera chrétienne, ou elle ne sera pas — a República será christã ou deixará de existir. Assim o disse tão eloquente como succintamente, ali por Junho de este anno, ao Presidente da República franceza Sua Eminencia o Cardeal Guibert, Arcebispo de Pariz; que não temeu dizer a verdade ao Soberano, que em 1879 confessou n'uma mensagem que o Christianismo era a «grande colonne de l'édifice social» embora de então para cá os ataques á Implantação feita pelo Divino Redemptor não tenham



O P.º ANTONIO VIEIRA, DA COMPANHIA DE JESUS

deixado de ser postos em pratica «nollens tollens» M. Grévy. Não julgamos o homem no seu intimo; parece-nos que o Presidente não suscitaria a guerra a Interesses Catholicos por seu bel-prazer, como tambem vimos que não se demettiu para não assignar *Decretos de alta injustica!* Devemos chamar as attentões para uma consideração que abrange toda a Europa, mesmo como ella se acha mui trabalhada pelas Sociedades Secretas, pela Revolução. Por agora, e permita Deus

que a situação melhore e não peore; por agora não é possivel fundar na Europa, mesmo em condições de só humana duração ou demora, um Estado anti-christão; os impios, os corruptos, os atheus theoreticos ou antes praticos, sam minoria opposta a essa massa que forma as Nações europeas, nas quaes ha justos e peccadores, e estes sam mais os das frangezas no moral do que os que peccam contra a creença em Nosso Senhor Jesus Christo; ora como podem os modernos re-

publicanos europeus fundar República na Europa que tenha *caracter sério*, querendo elles não só atacar o Christianismo mas até prescindir de todo o Sentimento Religioso? E' bem conhecida aquella sentença, que vamos repetir — «E' mais facil fundar uma Cidade no ar, do que um Povo Sem Deus!» Quem desconhece o aphorismo de todos os seculos, de todas as gerações e de todos os Povos, que diz — «A Religião é o fundamento da Legislação.»

Nós temos dito, temos escripto, repetimos e repetiremos: não se tracta da República em *these*, mas em *hypothese*, e o modo, como os republicanos modernos na Europa querem a República, é um impossivel social por isso que fazem abstracção de Deus! Entre elles haverá individuos, que não pensam assim, mas estes estam fóra do programma da massa republicana alludida. Na Europa continua a ter-se a República moderna como synonymo de *desordem*. Quanto a mim e em mim não acho argumentos para me fazer republicano; mas tambem nunca tratei de afastar da sua convicção republicana os republicanos com religião, e de estes tenho amigos nos dois

publicanos europeus fundar República na Europa que tenha *caracter sério*, querendo elles não só atacar o Christianismo mas até prescindir de todo o Sentimento Religioso? E' bem conhecida aquella sentença, que vamos repetir — «E' mais facil fundar uma Cidade no ar, do que um Povo Sem Deus!» Quem desconhece o aphorismo de todos os seculos, de todas as gerações e de todos os Povos, que diz — «A Religião é o fundamento da Legislação.»

Nós temos dito, temos escripto, repetimos e repetiremos: não se tracta da República em *these*, mas em *hypothese*, e o modo, como os republicanos modernos na Europa querem a República, é um impossivel social por isso que fazem abstracção de Deus! Entre elles haverá individuos, que não pensam assim, mas estes estam fóra do programma da massa republicana alludida. Na Europa continua a ter-se a República moderna como synonymo de *desordem*. Quanto a mim e em mim não acho argumentos para me fazer republicano; mas tambem nunca tratei de afastar da sua convicção republicana os republicanos com religião, e de estes tenho amigos nos dois

hemispherios e que não são peixes peixes. Em concreto, na hypothese não nos incommoda a Monarchia ou a República, mas sim como se é monarchico ou republicano; antes queremos todas as Nações republicanas à Garcia Moreno, do que monarchicas de nome mas em realidade pessimas Repúblicas. Platão, na antiguidade, e Montesquieu, nos tempos modernos; os dous comprehendem a República, embora a tomem nos dous sentidos, de modo inteiramente opposto àquelle em que a tomam os republicanos a modernissima. Montesquieu chegou a dizer «que a República exigia, que os republicanos fossem os homens os mais virtuosos» ora como pôde haver homens virtuosos quando elles não sejam religiosos? querer encontrar virtude na ausencia da religiosidade é o mesmo que buscar nas trevas a luz!

Os conquistadores não brutos tiveram sempre a prudencia de se informar do estado de ser dos Povos que conquistaram e documento foram fazendo as alterações ou mudanças, que lhes pareceram bem. Os republicanos hodiernos quereim conquistar para a República atacando asperramente, e antes até da conquista, o que nos Povos constitue seu primeiro Património—a crença religiosa! Alem de impiedade é loucura! A República a estabelecer na Europa, como os republicanos modernos pertendem fazel-o, não é menos que o caminho para uma guerra de religião. Mas observar-se-ha: na França não rebentou a guerra de tal caracter! ainda não! nós dizemos; e o ainda modifica o não! Um escriptor, fallando dos interesses moraes chamou estes les premiers dans toute société humano; isto está ao alcance do senso commun e até o diz uma crença doutrina. Mas de onde nascem os interesses moraes senão da Moral Religiosa, que é a que ensina e dicta os Preceitos, que formam os interesses moraes? Logo não passa de uma gravissima peccaminosa aberração esse programma republicano que pôde de parte ou ataca a Religião, ou simplesmente a esquece. Poderoso é o Imperio germanico e com o seu Vice-imperador ou Chanceller de ferro, mas que resultado tirou elle do Kulturkampf? nada mais do que um augmento de crimes, que espavoriu Bismarck e o fez tomar outra resolução e outro caminho. Napoleão I e Napoleão III entenderam bem, que para governarem e terem força deviam mostrar-se protectores dos Interesses moraes, e a favor de estes tiveram bons rasgos; porem logo que fraquejaram a tal respeito, se lhes foram enfraquecendo os Imperios até que desapareceram estes e os dous Imperadores foram morrer no exilio, o primeiro na Ilha de Santa Helena e o terceiro na Inglaterra. Napoleão II não imperou; uma contagem napoleonica fez

do segundo dos dous Imperadores o terceiro. O homem ou a collectividade de homens, que consegue saciar suas paixões, nunca o pôde conseguir de modo (pensando-se mesmo só humana ou materialmente) a ficar satisfeito e socego, e ao contrario tal embriaguez o impelle para os gozos, que nem já lhe satisfazem pelo embrutecimento completo adquirido; vem-lhe um desespero infernal! Pôde pois o homem aspirar a uma tal degradação, ou tornar-se mais que degradado, a não ser pelo volta-costas aos Principios Moraes? e em taes condições é bem um homem-monstro! Appliquemos à collectividade o que acabamos de dizer com relação à individualidade. Os maiores inimigos da República, dizendo-se declarados amigos de ella, são os que se esforçam para fundar, ou sustentar, a República na irreligião!

Magistral Sentença a do Eminentissimo Arcebispo de Paris: *La République sera chrétienne, ou elle ne sera pas.*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

## Secção Religiosa

### JUBILEU DA PORCIUNCULA

CONCEDIDO

AO PATRIARCHA S. FRANCISCO D'ASSIS

(Continuado do n.º 22)

DESIGNADO por Nosso Senhor Jesus Christo o dia em que havia de ganhar-se a indulgencia, partiu S. Francisco com tres companheiros para Roma. Apresentou-se ao Summo Pontifice e lhe manifestou a visão que havia tido, entregando-lhe as seis rosas. Ao pegar o Papa nas rosas e ao aspirar sua fragrança, disse admiradissimo: «E' realmente admiravel haver n'esta estação do inverno rosas tão viçosas. Em quanto a mim, Francisco, julgo verdadeiro e por isso creio firmemente no teu testemunho e no de teus companheiros; é necessario, todavia, propor e apresentar isto mesmo na reunião de nossos irmãos, os cardeaes, para se resolver o que convém fazer.»

Entretanto ordenou, que hospedassem com todo o decoro aquelles religiosos e lhes subministrassem tudo o que houvessem mister. No dia seguinte compareceu o Santo com seus companheiros ante o consistorio dos cardeaes e pros-trando-se por terra disse: «Dignissimo Vigario de Christo, cumpro a vontade do Pai celeste e a da Virgem Maria no assumpto que vos hei proposto.» O Papa respondeu: «Ainda que já me haveis declarado qual é a vontade do Senhor,

torna, não obstante, a dizel-a aqui perante meus irmãos, os cardeaes.»

S. Francisco disse então: «A vontade de Deus é, que qualquer pessoa que, desde as vespas do dia 1.º d'agosto até o pôr do sol do dia 2, entrar na igreja de Santa Maria dos Anjos d'Assis, alcance plena remissão de todos os peccados que tenha commettido desde o baptismo até o momento, em que entrar na dita igreja, com tanto que se tenha confessado com coração contrito e humilhado, e tenha sido absolvido pelo sacerdote.» Tratou-se largamente e com madureza d'este assumpto no consistorio, e conhecendo o Pontifice, em vista da narração feita por este varão sincero e em nada fallaz, que isto era do agrado de Jesus Christo, concedeu publicamente a indulgencia pedida, ou antes a confirmou.

O Pontifice escreveu logo ao Bispo d'Assis e a outros seis d'aquella comarca, para que no dia 1.º d'agosto se reunissem na referida igreja e promulgassem e publicassem solememente esta indulgencia.

Chegado o dia foi innumeravel o concurso de povo. Preparou-se d'antemão um tablado para que os Bispos podessem de sobre elle promulgar a indulgencia. Antes, porém, da promulgação estes pediram a Francisco, que subisse ao pulpito e pregasse. Obedeceu o Santo, e fez um notabilissimo sermão, ao terminar do qual disse: que tanto Christo Senhor Nosso, como Seu Vigario o Papa, lhe haviam concedido perpetuamente esta indulgencia, prefixando este dia. Quando os Bispos ouviram fallar de perpetuidade oppuseram-se e disseram ao Santo, que iam publicar a indulgencia, mas só duradoura por espaço de dez annos. Levantou-se o Bispo d'Assis, e querendo dizer por dez annos, disse contra sua vontade: *perpetua*.

Não levaram a bem tal dicto os outros; mas o segundo sentiu tambem uma força irresistivel, que o obrigou a dizer o que não queria. E d'este modo e por disposição de Deus, os sete Bispos publicaram a indulgencia perpetua, como a tinha já publicado S. Francisco. Este prodigio causou-lhes grande admiração, não podendo deixar de reconhecer, que esta era a vontade de Deus. Para maior fé e authenticidade da verdade juraram todos e deposeram acerca d'este prodigio, e deixaram testemunho rubricado pela sua propria mão no archivo do convento para perpetua memoria. Deposcrum tambem muitas outras testemunhas, as quaes allegam terem presenciado, que n'aquella occasião tinha S. Francisco na mão uma cédula e com grande fervor dizia: «Eu quero enviar para o Paraíso a todos os meus ouvintes, porque vos annuncio uma indulgencia plenaria com remissão universal de

culpas e penas, que me concedeu meu Senhor Jesus Christo e Seu Vigario o Summo Pontifice.»

No anno de 1295 peregrinavam da parte da Escravonia para o valle de Spollete, a fim de ganhar a indulgencia da Porciuncula cento e vinte pessoas. Aportaram na Marca d'Ancona, e entrando na cidade, visitaram suas egrejas. N'uma d'estas, tendo-se certificado o sacristão do fim da sua viagem, lhes disse: «Estranho muito, que pessoas de senso deixem sua patria por cousa tão incerta; pois os frades menores não podem apresentar bulla alguma que faça fé de sua conclusão. Ficaram desconsolados e tristes os peregrinos, e tomaram logo a resolução de não proseguir na sua peregrinação. Uma mulher somente ficou firme e constante, e fazendo pouco caso da leviandade de seus compatriotas em mudar tão facilmente de resolução, seguiu só e animosa seu caminho. A distancia de poucas leguas viu-se perdida na solidão de um monte, sem descobrir senda alguma para proseguir sua viagem. Seu susto e descontentamento foi grande, porque ia já declinando o dia. N'este conflicto invocou do intimo da sua alma Nosso Senhor; e esforçando-se por sahir d'aquelle cercadissimo matagal, sentiu passos e viu se dirigia para ella um religioso da Ordem de S. Domingos. Consolou-a este dizendo: Não temas, mulher, que não erraste o caminho para conseguir teus desejos em proveito da tua alma; teus companheiros, arrependidos e envergonhados da sua inconstancia, já estão perto. Com effeito, passados poucos momentos teve a consolação de ver-se reunida aos seus companheiros. O religioso saudou a todos, louvou seu fervor e devoção em expôr-se a tantas fadigas e calor; «sabei, porém, lhes disse, que são bem empregados vossos esforços para alcançar o inestimavel thesouro d'esta prodigiosissima indulgencia. Proseguí afoitos vosso caminho, de cujo trabalho tirareis copiosissimo fructo; e acreditai, que a indulgencia é certissima; d'esta verdade, como fiel testemunha, vos dou testemunho, pois era presente quando o Papa Honorio a concedeu a S. Francisco e era tambem já no céu, quando Christo Senhor Nosso a confirmou.» Dito isto, desapareceu. Ficaram admirados e alegres, proseguindo com mais fervor sua viagem. Chegados a Assis, dirigiram-se ao convento a participar este prodigio.

Feitas todas as diligencias para ganharem a indulgencia, e quando já se preparavam para regressar á patria, adoeceu aquella boa mulher e morreu. Fizeram-lhe as exequias com a maior pompa possível; e concluida esta obra de religiosa piedade, pozeram-se a caminho desconsolados e tristes por have-

rem perdido tão devota companheira. Embarcaram no porto d'Ancona, e estando já no alto mar sobreveio uma tempestade tão furiosa, que poz em desesperação de salvarem-se até os proprios marinheiros. Subiam ao céu os clamores de todos, pedindo a Deus misericordia, e Nosso Senhor no mais ariscado e terrivel d'esta tribulação, correu a consolal-os, permittindo, que a alma d'aquella mulher, que morreu em Assis, lhes apparecesse toda resplandecente por sobre as furiosas e encapelladas ondas. Acercou-se da embarcação e disse: «Não temais, eu sou a vossa companheira, que por permissão divina venho dar-vos conta da virtude ineffavel da indulgencia da Porciuncula, pois que, havendo-a eu ganhado pela misericordia divina, sem haver passado pelo purgatorio, me acho gosando da eterna felicidade da gloria. Tende por feliz e bem empregado o trabalho, que conseguí e dá tal premio. Aquelle religioso, que nos appareceu e fallou no monte, que foi o glorioso Patriarcha dos préga-dores de S. Domingos, a quem Maria Santissima encarregou de nos radicar na fé da Indulgencia, dando testemunho, como testemunha que era presente á sua concessão em espirito em Perusa, quando a concedeu o Papa Honorio; e no céu, quando a confirmou Nosso Senhor Jesus Christo. Seja testemunha da verdade do que digo a rapida serenidade, que recobrará o mar.» Dito isto, desapareceu e o mar ficou na maior serenidade.

Os peregrinos continuaram sua viagem glorificando a Deus por tantas maravilhas e firmemente radicada na fé da Indulgencia da Porciuncula.

(Coruejo: Vida de S. Francisco.)

VERSÃO DO P.º LIMA.

## Secção Historica

### AGUAS MEDICINAES EM PORTUGAL

#### MANUSCRIPTO

*Breve noticia das Caldas de Caldellas, Rendufe, Canavezes, Entre-Rios, Gerrez, Vizella, Monsão, Pulreiro, S. Miguel de Entre Ambos os Rios,—das aguas ferreas de S. Miguel de Lavandus, Rabordello, Lagocinha—e breves considerações sobre as aguas ferreas ou ferruginosas nativas, artificiaes e do seu uso.*

(CONTINUADO DO N.º 22)

DAS AGUAS FERREAS OU FERRUGINOSAS NATIVAS, ARTIFICIAES E DO SEU USO

**P**ARA se fazer a devida distincção sem maior aparato e com a possível segurança é bastante fazer

ferver por espaço de um quarto de hora até vinte minutos n'um vaso de porcelana, ou de vidro, ou finalmente de barro não vidrado bem duro e de bocca larga, não muito fundo, cousa d'uma canada ou seis quartilhos da agua ferrea. Acabada a fervura, estando já a agua fria, se se lhe lançar alguma porção de tintura de galhas, e esta (ou outra qualquer substancia adstringente) a não offuscar e ennegrecer, conhecido está, que o ferro se separou do gaz carbonico, o qual pela acção do calorico no tempo da fervura se evaporou e dissipou. Quando o ferro é dissolvido em qualidade de sulfato, ou quiza de muriato, deposita-se sim pela fervura o ocre ou oxydo de ferro, mas ainda resta acção aos adstringentes para dar a competente cor á agua, porque ainda ella conserva em si ferro dissolvido e unido ao acido sulfurico ou inuriatico.

Se finalmente depois da fervura se diminue tão sensivelmente a acção da tintura das galhas sobre a agua, que a mudança de cor por diluida ou desvanecida seja pouco sensível e de quasi nenhuma contemplação, é signal de que ainda existe uma diminuta porção de qualquer sal ferreo, que não deteriora muito a qualidade da agua, ainda para as pessoas mais sensíveis. E quando se pretenda maior evidencia ferve-se novamente a agua até á diminuição de 15 ou 18 partes do seu volume; depois de fria tinta-se com algumas gotas de tintura, a qual então mais decididamente mostrará a existencia do ferro ainda dissolvido e combinado com algum dos ditos acidos, sendo mais ordinario e commum o acido sulfurico.

Quando a agua, porem, que é ferrea, tem gaz carbonico superabundante ou com excesso, este pela simples exposição da agua ao ar livre por espaço de algumas horas manifesta-se; porque grande porção d'elle se perde, e com elle em parte a grande aspereza do sabor de tal agua, e se deposita tambem um pouco d'oxydo de ferro. Esta não fica despojada do sabor, pois lhe resta aquelle que é proprio de aguas ferreas, cujo gaz é mais proporcionado e sem excesso.

Posto que tantas e tão copiosas sejam as nascentes de aguas ferreas, como fica ponderado, não é indifferente o uso de qualquer das qualidades, que acabamos de dizer; pois que, assim como é varia a sua composição (que cumpre previamente haver indagado) assim tambem deverá ser diversa a sua applicação, segundo a qualidade da enfermidade, e muito principalmente as formas, a sensibilidade do enfermo e mil outras miudezas do foro medico, que são de grande monta e contemplação. Succede tambem apesar d'esta profusão de aguas ferreas naturaes não as haver tão commodamente e de tal natureza, como requerem as

circunstancias e por ventura a estação ferrea é justamente mais inferior, como do anno não permite que se usem hebi-

das junto ás suas origens, entretanto que a molestia faz progressos aos quaes con-

vem obstar em qualquer tempo, que este-

ja indicado um tal soccorro. Eis aqui do,

onde é necessario supprir pela arte, o malha de ferro pura. Deixa-se estar du-

que não pode haver-se da mão liberal rante 48 horas, filtra-se ou coa-se sim-

da natureza e proceder á manufactura plesmente por inclinação, e guarda-se

das aguas ferreas. para tomar-se (assim como a primeira)

Por diversos modos se tem procedido na quantidade de seis onças duas ve-

n'estas operações. Começaremos das mais zes ao dia em horas proprias. Imitam-

simples conhecidas para as que são mais se as aguas ferreas, dissolvendo equal-

compostas, afim de subministrar meios mente um grão d'este sal crystalli-

faceis multiplicados em beneficio dos sado em dezeseis onças de agua com-

menos favorecidos da fortuna e dos mum pura, cuja quantidade se pôde

mesmos indigentes, que frequentes vezes augmentar á proporção das circumstan-

são victimas da sua penuria por falta cias que o medico deve regular e dirigir,

da applicação de medicamentos de facil passando a accrescentar a dose do sal

preparação, mas que são ignorados, ou relativamente á mesma quantidade de

pela sua simplicidade havidos em me- agua.

noscabo, ou pertinaz e inteiramente des- Quem quizer ajuntar a estas aguas

prezados. O mais simples modo de imitar ferreas a virtude dos saes, que as natu-

as aguas ferreas é o da infusão da sua raes muitas vezes contém e lhes alte-

limalha mui limpa na agua pura da fon- ram, mudam ou augmentam as suas

te, de rio ou destillada; e tambem demon- virtudes não têm mais do que addicio-

strando por alguns dias n'ella pequenas nar quantidades proporcionaes e de

barras de ferro limpo de ferrugem. Em qualquer das salinas, ou saturando pri-

tres ou quatro dias a agua contrae o meiramente a agua com o sal antes de

gosto ferruginoso e a virtude que se se proceder á operação de a fazer ga-

requer. Como porém a agua pura não zosa. Sejam para exemplo as formulas

tem acção sobre o ferro, senão porque seguintes:

tem em si mais ou menos gaz carboni- A agua ferrea carbonisada.

co, economisa-se tempo, e é mais segura Tome-se de agua carbonisada 3, 4 ou

e certa a saturação d'ella, havida por 5 volumes (segundo o poder dissolvente

meio de diversas operações. Suspendem-se n'ella em vaso de vidro tapado que se pretender dar-lhe) 32 onças.

fios ou barrinhas de ferro limpo sem N'esta se pendure por um fio dentro na

ferrugem, até que a agua se sature garrafa uma boneca em que frouxamente

muito bem; a qual depois se dilue no esteja encerrada e ligada uma porção de

dobro, tripolo ou maior porção da limalha de ferro, feita de pouco tempo

mesma agua acidulada. Não sómente a e sem ferrugem ou uma lamina, ou fios

que é extrahida pelo primeiro aparelho de ferro sem ferrugem. Deixese em lu-

pneumatico-chimico, mas tambem a que gar frio por espaço de 24 horas, tempo

se obtem pelo segundo methodo alli des- sufficiente para que se dissolva a quan-

cripto serve igualmente para esta qua- tidade proporcional á energia maior ou

lidade de agua ferrea gazosa; porém menor da agua mais ou menos carboni-

esta tem a vantagem da certeza de gra- sada conforme o numero de volumes de

duação dos volumes do gaz. Quem po- gaz que a mineralisarem. A limadura

der e quizer fazer uso dos aparelhos pode servir mais vezes, quando haja

pneumatico-chimicos para fabricar esta cautella de mettel-a em agua commum

qualidade de agua e ao mesmo tempo e conserval-a para que não se enfer-

carbonizal-a, metta na garrafa que con- ruge; a lamina ou fios, se havendo sido

tem a agua que se pretende tornar ga- bem limpos e enxutos, ainda assim

zosa, uma pouca de limalha de ferro adquirem algum ponto de ferrugem,

sem ferrugem ligada mui frouxamente limpão-se, limando-os.

dentro de panno ralo em maior ou me- FIM

nor quantidade, conforme aprouver, du- Lisboa—1883.

rante o tempo da operação. Este methodo P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

é indubitavelmente o melhor e menos

longa e mais asseada se torna a opera-

ção.

Aquelles que carecem da commodi-

dade de poder carbonisar a agua por

qualquer dos ditos methodos, havendo

de servir-se de agua ferrea artificial por

necessidade absoluta, podem usar de

qualquer das formulas seguintes, bem

entendido que esta qualidade de agua

de missionario do Brazil, o mais notavel

orador sagrado da Peninsula, do nosso

Chrysostomo (2), do profundo theologo, do

augusto philosopho, embora pagasse o seu

tributo ao que chamamos mau gosto do

seculo, do illustrissimo litterato, do pa-

triotiote eminente, do politico sagaz e in-

comparavel no desempenho consciencio-

so dos arduos negocios que lhe foram

confiados, n'uma palavra do grande, do

sublime P. Antonio Vieira, da Companhia

de Jesus, honra da nossa patria e do

Brazil, da Europa, da America, do mun-

do inteiro, pois que em todo o mundo

sôa o seu nome como o de um dos maio-

res oradores e missionarios que os se-

culos tem produzido.

Falleceu no Maranhão a 13 de julho

de 1697, com 75 annos de vida religio-

sa, e cerca de 90 de idade, havendo

nascido em Lisboa a 6 de fevereiro de

1608.

D'este nosso santo e illustre «Jesuita»

diz o P. Elesban de Guilhermy no seu

*Ménologe (Assistece de Portugal, 2.ª par-*

*tie, pag. 49, edição de 1876), que «a*

*voz unanime de seus compatriotas no*

*Antigo e no Novo Mundo, assim como a*

*dos mesmos inimigos da Companhia, o*

seguintes:

A agua ferrea carbonisada.

Tome-se de agua carbonisada 3, 4 ou

5 volumes (segundo o poder dissolvente

que se pretender dar-lhe) 32 onças.

N'esta se pendure por um fio dentro na

garrafa uma boneca em que frouxamente

esteja encerrada e ligada uma porção de

limalha de ferro, feita de pouco tempo

e sem ferrugem ou uma lamina, ou fios

de ferro sem ferrugem. Deixese em lu-

gar frio por espaço de 24 horas, tempo

sufficiente para que se dissolva a quan-

tidade proporcional á energia maior ou

menor da agua mais ou menos carboni-

sada conforme o numero de volumes de

gaz que a mineralisarem. A limadura

pode servir mais vezes, quando haja

cautella de mettel-a em agua commum

e conserval-a para que não se enfer-

ruge; a lamina ou fios, se havendo sido

bem limpos e enxutos, ainda assim

adquirem algum ponto de ferrugem,

limpão-se, limando-os.

FIM

Lisboa—1883.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

### Secção Illustrada

#### O P. Antonio Vieira da Companhia de Jesus

DAMOS hoje o retrato do nosso pri-

meiro classico, do homem que até

hoje melhor soube manejar e enri-

quecer a lingua portugueza (1), do gran-

de missionario do Brazil, o mais notavel

orador sagrado da Peninsula, do nosso

Chrysostomo (2), do profundo theologo, do

augusto philosopho, embora pagasse o seu

tributo ao que chamamos mau gosto do

seculo, do illustrissimo litterato, do pa-

triotiote eminente, do politico sagaz e in-

comparavel no desempenho consciencio-

so dos arduos negocios que lhe foram

confiados, n'uma palavra do grande, do

sublime P. Antonio Vieira, da Companhia

de Jesus, honra da nossa patria e do

Brazil, da Europa, da America, do mun-

do inteiro, pois que em todo o mundo

sôa o seu nome como o de um dos maio-

res oradores e missionarios que os se-

culos tem produzido.

Falleceu no Maranhão a 13 de julho

de 1697, com 75 annos de vida religio-

sa, e cerca de 90 de idade, havendo

nascido em Lisboa a 6 de fevereiro de

1608.

D'este nosso santo e illustre «Jesuita»

diz o P. Elesban de Guilhermy no seu

*Ménologe (Assistece de Portugal, 2.ª par-*

*tie, pag. 49, edição de 1876), que «a*

*voz unanime de seus compatriotas no*

*Antigo e no Novo Mundo, assim como a*

*dos mesmos inimigos da Companhia, o*

(1) O P. Vieira é tido incontestavelmente

como o primeiro dos nossos classicos, e «tal-

vez o mais legivel hoje, dizem os compilado-

res da edição de suas obras publicada em

1854), pelo muito que se approxima da lin-

guagem moderna á sua dicção pura, facil,

agradavel e accessivel ainda aos entendi-

mentos menos cultivados.»

Francisco José Freire chama-lhe «o mais

auctorizado», e accrescenta:—«Se me não

enganam os testemunhos de sabios infinitos, nem

antes, nem depois deste singular orador ti-

vemos penna do mesmo aparato. Possuiu em

gran sublime todas as deliciaezas, proprie-

dades e energia da lingua; por isso ainda nin-

guem duvidou usar vocabulo, phrase e ex-

pressão achada em seus escriptos. Seguir em

tudo e por tudo o fallar de Vieira, é uma se-

gurissima regra de conseguir não só a pure-

za, mas o louvor de ter todo o conhecimento

das subtilezas do idioma portuguez.»

Outro mestre da lingua, o fallecido Bispo

de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, es-

creveu estas memoraveis palavras, que tanto

redundam em louvor de Vieira:—«Se o uso

da nossa lingua se perder, e com elle por aca-

so acabarem todos os nossos escriptos que não

são os *Lusiadas* e as obras de Vieira; que por-

tuguez, quer no estylo de prosa, quer no poe-

tico, ainda viverá na sua perfeita indole na-

tiva, na sua riquissima copia e louçania.»

(2) O abbad Raynal, copiando na sua

*Historia philosophica das Indias* quasi todo o

sormão de Vieira sobre a restauração da Ba-

hia, afirma que é «a oração mais vehemente

e extraordinaria que se tem ouvido no pulpito

christão.»

O historiador Ferdinand Denis compara

Vieira a Bossuet.—O malogrado P. Antonio

Honorati chamou-lhe o «*Chrysostomo portu-*

*guez*», e esse mesmo titulo poz á compilação

dos sermões do nosso grande orador, retoca-

dos por mão de mestre, de que agora mesmo

se está publicando o 5.º vol., achando-se qua-

si prompto para entrar no prélo o 6.º e ul-

timo.



E lhe diz «Não succumbas, pára e ora.»  
E elle, na voz do anjo confiando,  
Curva-se humildemente, em fim orando,  
E o leão muda o rumo e o não devora.

E a visão se desfez; e em logar d'ella  
Abrasado palacio appareceu;  
De fogo era um volcão cada janella,  
Cujá chamma chegava quasi ao ceo.  
Sobre o inflammado tecto, homem se via,  
Quasi desesperado, que pedia  
Prompto soccorro, que ninguem lhe deu.

Já ia a blasphemar... mas sobranceiro  
O bello anjo se mostra radioso,  
E diz: «Tem-te... que o reino tenebroso  
Do descrente é castigo derradeiro!  
Fé em Deus: não succumbas ao perigo.  
E Deus te salvará, que é pae e amigo.  
Que por ti padeceu como cordeiro.»

E o homem ora a Deus com fé constante,  
E das nuvens desceram jorros d'agua;  
O fogo se dissipa em breve instante,  
E o demonio se estorce em mortal fragoa.  
Brama contra o senhor omnipotente  
Que lhe arranca das garras fragil ente,  
E blasphema de raiva e intensa magoa.

E todos quantos creram se salvaram,  
Pois que só se não salva quem não crê;  
E do sonho as visões bem demonstraram  
Que Deus previne tudo e tudo vê:  
Se o athen desconhece a Divindade,  
Se não teme de Deus a potestade,  
Graça nunca terá, porque descrê.

## Secção Bibliographica

### OS FRADES

*Defeza, justificação e apologia  
insuspeitissimas,  
colligidas por João de Lemos*

FALLARAM ha pouco os jornaes que alguns portuguezes tratavam de levar ao parlamento uma representação pedindo o restabelecimento das Ordens religiosas.

O snr. Martins de Carvalho, ganso do Capitolio *Conimbricense*, d'onde vela vigilantissimo pela manutenção das liberdades patrias, não consentindo que nem ao menos se falle em frades, para lhe não avivarem o remorso de estar hoje a insultar as cinzas dos que o habilitaram a ser redactor d'um jornal; o snr. Martins, digo, correu logo á estacada, armado não sei de que opinião insuspeita, a dar bordoadas nos pobres dos frades.

Contra semelhante cobardia e feia ingratidão, revoltou-se o snr. João de Lemos, e em uma série de artigos publicados na *Nacão*, oppoz á opinião insuspeita do redactor do *Conimbricense*, um

feixe de opiniões insuspeitissimas, que deixaram entalado o pobre do snr. Carvalho!...

E tanto que nem lugiu, nem mugiu!... Ainda tem atravessadas na garganta as opiniões insuspeitissimas!...

Aconteceu-lhe egual fracasso ao produzido pelo folheto — Ella e Elles — do mesmo auctor, em que o pobre do snr. Carvalho ficou um Lazaro!...

Que tenha paciencia!...

Isto de ser valentão tem seus inconvenientes. A's vezes no mais forte da refrega, apparece um dextro jogador de pau, vibra um golpe certo, e o baso-llas fica por terra a pernear na lama, e os outros a fazer-lhe figas e a later as palmas!...

Foi, nem mais nem menos, o que aconteceu ao snr. Carvalho. Bem feito.

Nunca as mãos doam ao snr. João de Lemos!...

A primeira opinião insuspeitissima é de Garrett, que vendo os conventos em ruinas, os egressos a pedir esmola, e os barões de berlinda, tinha saudades dos frades.

A segunda é de Castilho, que não via nos frades unicamente o lado vicioso ou ridiculo, mas tambem o que tiveram de virtuoso, de illustrado, de prestadio e de summainente respeitavel.

A terceira é de Herculano, que diz aos destruidores dos frades: «fizestes uma coisa absurda e impossivel: deixastes na terra cadaveres vivos e assassinaestes os espiritos.» E clamava que dessem «pão a metade dos nossos sabios, dos nossos homens virtuosos, do nosso sacerdocio, que foram victimas das crengas minhas—vossas—do seculo, e que morrem de fome.»

Para principio não são más estas pilulas. O snr. Carvalho que as vá engulindo, como podér, para dar logar ás outras. Ainda estamos a paginas 24 e o livro tem 182. O que não virá ainda! Prepare-se, snr. Martins, que a dose é tremenda!...

O snr. João de Lemos tomou-o á sua conta!... E tanto que em seguida atira-lhe com a apologia magnifica, irresponsivel, sublime nas ideias e na linguagem, que dos frades escreveu Castilho, a proposito do Quadro de S. Bruno!...

Esta é de metter os tamos dentro, snr. Carvalho!... Castilho, o seu amigo Castilho a defender assim os frades!...

Atire-lhe tambem a sua pedrada, como faz a estes!... Não tenha medo. Castilho é morto; já não pôde tomar a pena da tosquia d'um camello!...

Seguem-se depois muitas paginas da obra do snr. Pedro Diniz — *As Ordens Religiosas em Portugal* — essa irrefutavel apologia, escripta por um verdadeiro amigo da liberdade, que confundiu todos os detractores dos frades, e é um

imperecivel monumento erguido sobre as ruinas dos claustros, que attestará á posteridade os valiosissimos serviços dos frades, e a negra ingratidão dos homens, que os expulsaram de suas casas, condemnando muitos d'elles a morrer de fome!...

Esta opinião insuspeitissima deixou tambem embuchado o snr. Carvalho que, nas suas numerosas colleccões, ainda não encontrou documentos, para destruir os factos e argumentos alli archivados... Em seguida são chamados a depôr n'este importante processo, entre outras muitas testemunhas nacionaes e estrangeiras, o proprio governo portuguez de 1840, que, pela bocca do ministro da Marinha, que era o Conde do Bomfim, disse ser conveniente restabelecer quanto antes, uma corporação, que tenha a seu cargo as missões.

E depois d'este e d'outros muitos depoimentos, quem julga o leitor que vem por ultimo depôr a favor dos Jesuitas? Não imagina sequer.

E' o proprio snr. Martins de Carvalho!...

Por esta não esperava elle de certo!.. Julgava que as folhas do *Conimbricense* se haviam perdido, mas enganou-se.

O Snr. João de Lemos teve artes de descobrir algumas, e sem mais nem menos, pega do Snr. Carvalho, fal-o sentar no mocho e escarrar para alli o que sabia a respeito dos Jesuitas, e de mais a mais assignar o seu nome com todas as letras!...

Esta só d'um *caturra*, como o Sr. João de Lemos!...

Bem mostra que é legitimista impenitente. Se fosse liberal tinha mais caridade com o liberalão do *Conimbricense*!...

Expol-o assim ás vaias e apupos da rapaziada, não é coisa que se fizesse!.. chega a ser cruel... .

Entim este livro é um ramilhete formosissimo e variado; uma apologia imparcial e desenvolvida das Ordens religiosas, baseada no testemunho de historiadores, poetas, publicistas, philosophos, protestantes e deistas, herejes e atheus, revolucionarios de todas as castas, como diz o Snr. Rodrigues de Gusmão.

Valiosissimo serviço prestou o Snr. Teixeira de Freitas á Religião e ás letras patrias, colligindo estes artigos em um livro formoso em tudo, até na impressão, o qual ha-de abrir os olhos a muitos illudidos, que não queiram ser cegos por força, e preparar a opinião publica desvairada um pouco pelo berreiro dos Carvalhos e outros que taes, em favor do restabelecimento das Ordens religiosas.

Este livro diz ao povo o que elle perdeu intellectual e materialmente, com a extincção dos conventos. Em elle sa-

bendo que os seus *libertadores* nada lhe deram em compensação do que lhe tiraram, hade clamar e pedir em altas vozes que lhe restituam quem lhe matava a fome e illustrava o espirito.

E suas vozes hão de ser escutadas, cedo ou tarde, porque o restabelecimento dos conventos é uma necessidade temporal e espirital, e demais a mais em nada offende a actual constituição politica do paiz, antes com ella pode co-existir perfeitamente, como acontece nos outros paizes regidos pelo mesmo systema.

P.º JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

**O nosso esclarecido collega e companheiro nas lides da imprensa catholica, «A Nação», completou ha dias 35 annos de existencia. Mil parabens, e desejamos que outros tantos annos tenha de vida tão valente soldado para pelear por Deus e pela Patria.**

### Retrospecto da quinzena

**O** SANTISSIMO Padre Leão XIII acaba de dirigir uma Encyclica a todos os Cardeaes, Arcebispos e Bispos do orbe catholico.

N'este documento em que se revelam a piedade e a sciencia do Vigario de Christo, recommenda Sua Santidade que oremos à Mãe de Deus para obter por sua intercessão o acabamento dos males que opprimem a Santa Igreja.

E como o Santissimo Rosario é uma oração tão agradável à Virgem que, diz o Santo Padre: «Graças a ella, muitos desvairados foram trazidos a bom caminho, e o furor dos impios refreado pelos exercitos catholicos que tinham sido levantados para repellar a força com a força.» Sua Santidade, depois de celebrar a efficacia e o poder d'esta oração e de enumerar os beneficios recebidos por toda a christandade, determina que, a contar do primeiro dia do mez de outubro proximo até ao segundo dia do mez de novembro, em todas as parochias e, se a auctoridade o julgar opportuno e util, em todas as outras igrejas ou capellas dedicadas à Virgem, se recite o Rosario, ajuntando-lhe as Litanias Lauerlanas.

Recommenda mais que se celebre o Sacrificio da Missa e se exponha o Santissimo Sacramento à adoração dos fleis, e bem assim que, onde for possível, as confrarias do Santissimo Rosario façam, segundo os antigos usos, procissões solemnes atravez das cidades, a fim de ser glorificado publicamente o nome de Deus.

Sua Santidade concede a todos os fleis que, no intervallo do tempo designado, assistirem ao exercicio da recitação publica do Rosario, com a Ladainha, orando segundo a sua intenção, sete annos e sete quarentenas d'indulgencias applicaveis a todos os fins.

Lucram as mesmas indulgencias aquelles que, não podendo, por motivo justificado, assistir à oração publica, orarem em particular segundo a mesma intenção.

O Santo Padre concede, outro-sim, indulgencia plenaria a todos aquelles que, no dia do Santissimo Rosario ou dentro do oitavario, se confessarem e, verdadeiramente arrependidos, receberem o Pão Eucharistico, pedindo a Deus e à Virgem pelas necessidades da Igreja.

A Associação *Liberal* Portuense, teve a fina lembrança de se dirigir aos editores portuguezes pedindo livros para formar uma bibliotheca à custa alheia, mas em nome da *liberdade*. Eis a circular da *liberal* commissão:

«Ill.º e Exc.º Sr.

«Sendo a *Escóla* a primeira estação d'essa estrada sem fim que se chama *Civilização*, a Associação *Liberal* Portuense cujo ideal em parte realiado é desvendar as trevas do espirito inoculando-lhe o amor da patria e da liberdade, resolveu empregar os meios possiveis para a installação d'uma *escóla* primaria e d'uma *bibliotheca*, como melhoramentos indispensaveis e desde ha muito reclamados.

Escasseando-lhe, porém, os recursos para fins tão civilisadores, e sendo urgente realisal-os, a commissão incumbida dos trabalhos concernentes à segunda parte dos melhoramentos reclamados, recorre à proverbial e generosa adhesão de V. Exc.ª, sollicitando-lhe alguns volumes publicados para com elles formar o nucleo da referida *bibliotheca*. E anticipando desde já os seus sinceros agradecimentos, tem a honra de se declarar summamente penhorada.

Porto, 18 d'Agosto de 1883. A commissão *bibliothecaria*, José Guilherme Pacheco, Antonio Carneiro d'Azevedo, Rodolpho de Castro, José Pedro Baptista Martins Pinhão, Alfredo do Amaral Gaspar.»

Parece incrivel, que haja quem tão cynicamente se arvore em commissão para tão mal acertadamente andar! Pois a commissão *liberal*, que não ha muito pediu a expulsão dos jesuitas, vem agora n'uma circular aos editores dizer que quer fundar uma *escóla* primaria, como a primeira estação da estrada da *civilização*! Que! vós não quereis os jesuitas, que fundaram as *escólas*, não só primarias, mas superiores; que crearam magnificas *bibliothecas*, sem vos pedir couza alguma, e quereis vós fundar *escólas*

e crear *bibliothecas* à custa dos outros? Escaceam-vos os recursos para uma *escóla*, e mandaes pôr fóra do reino os jesuitas, os frades, e todas as congregações religiosas, unicam capazes de povoar de *escólas* o paiz?! Se tão liberaes quereis ser dizei: Não quereis jesuitas nem frades, e nós coalharemos o paiz de *escólas*, levantaremos casas, à porta das quaes a miseria encontre o pão do corpo e do espirito, e crearemos soberbas *bibliothecas*, tudo com mais luxo que o faziam ou podem fazer os frades e os jesuitas.

Se vós assim fizesses vã; mas pedires a expulsão dos jesuitas e o não restabelecimento dos frades, para depois quereis fundar uma *escóla* primaria, e mendigar com que fazer uma *bibliotheca*, isso é simplesmente ridiculo!

Quereis livros? pedi-os a quem: roubou os que formavam as ricas *bibliothecas* dos frades.

Quereis *escólas*? pedi o dinheiro para as sustentar a quem se apoderou dos rendimentos das casas religiosas.

Quereis mestres, bons professores? pedi-os aos assassinos dos jesuitas e dos frades, aos que trancaram as portas das casas onde havia mestres, livros, virtude e saber.

Pois que! Só depois de cincoenta annos é que vos lembraes de *instrução*, de *escólas*, de *bibliothecas*?

Quereis *escólas*, *bibliothecas* e *instrução*? pedi o restabelecimento das ordens religiosas; dae franca passagem aos filhos de Loyola, e tudo tereis. E se não quereis frades nem jesuitas, e desejaes livros para uma *bibliotheca*, compraes-os, que mais bem empregaes o dinheiro que em foguetes e luminarias.

O nosso valente companheiro *Comercio do Minho* dava-nos ha dias a seguinte noticia, que transcrevemos, para mostrar que a fé e a devoção se não perderam ainda:

«*Valioso donativo*.—A exc.ª sr.ª D. Maria Emilia Pinto Leão, da cidade do Porto, acaba de offerter à Santissima Virgem do Sameiro, um rico purificador de prata, que segundo nos dizem, é d'um subido e alto valor.

Já o filho d'esta tão catholica senhora no anno passado deu um par de jarrões de prata para o altar da Virgem Immaculada, e sua irmã a exc.ª sr.ª D. Candida Caldas, pediu a um cavelheiro residente no imperio do Brazil, para lá promover em favor das obras do Sameiro, uma subscrição, cujo producto deve brevemente chegar.

Acções d'estas nobilitam quem as pratica, e esta familia é por sem duvida credora das sympathias de todos os catholicos sinceros, em vista das importantes offertras da sua parte à Mãe de Deus.»

Fazemos nossas as palavras com que o collega conclue a noticia, e damos mais uma vez os nossos parabens á ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Candida Caldas por mais um serviço prestado á causa catholica, fazendo votos porque em breve se realisem as suas esperanças, que são a de todos aquelles que, como nós, se empenham pelo culto e esplendor tribulados á Virgem Immaculada.

Entre os varios legados que se leem no testamento do Conde de Chambord destacam-se os seguintes:

500:000 francos á Propagação da Fé, de Lyon; 300:000 francos á Obra da Terra Santa, confiada aos Franciscanos dos Logares Santos; 100:000 francos a cada um dos tres institutos seguintes: o instituto do Père Ratisbonne, a Obra Pia do arcebispo de Alger e as Obras das Escolas apostolicas.

Aqui está! Imaginem os leitores por um pouco que este homem, assim fanatisado por... (veremos o que diz o *Janeiro*) chegava a sentar-se no throno de França! O que comem os Ferrys e outros trufos da Republica, seria repartido pelos frades, por essa cafila de mandriões, que tudo fariam desaparecer em missas e rezas, deixando os homens do *livre* pensamento obrigados a trabalhar se quizessem encher a barriga!

Um francez a gastar 500 mil francos com a propagação da Fé, quando os governos francezes gastam mais em guerrear os que tem Fé!

De boa se livrou a França! Olhem que carolla! Quem lho metteria aquillo na cabeça Ex.<sup>mo</sup> Snr. *Primeiro de Janeiro?*

Ha quem não acredite nos castigos com que Deus em todos os tempos tem castigado os homens, e todavia elles repetem-se em nossos dias, porque, como nos passados tempos, os peccados, os crimes da humanidade repetem-se diariamente e em todas as partes do globo.

Ainda não ha muito que nós lastimavamos as desgraças de Ischia, e já hoje os jornaes nos trazem horrorosas noticias da maior calamidade que tem assombrado este seculo. Referimo-nos á espantosa catastrophe de Java, e transcrevemos o que o *The Daily News*, jornal de Londres, publicou n'uma correspondencia de New-York:

«As perturbações começaram na ilha Krakatoa, no sabbado 25 de agosto, dia em que se ouviram distintamente em Suraperta e Batavia profundos ruidos subterraneos.

«Ao principio houve pouco susto, mas dentro de poucas horas começaram a cair chuueiros de pedras, e durante a noite inteira continuaram a cair chuueiros de pedras em braza e cinzas.

«Quando chegou a manhã todas as communicações com Anjer, no estreito de Sunda, foram destruidas; as pontes tinham sido levadas pela velocidade das ondas, e os caminhos estavam intransitaveis.

«As perturbações tinham-se estendido por debaixo das aguas do estreito, e estas estavam fervendo e assobiando violentamente, e ao mesmo tempo immensas ondas se arremessavam de encontro ás praias de Java.

«A temperatura do mar elevou-se quasi a vinte graus.

«Mais longe, em Madura, que fica a distancia de quinhentas milhas, as ondas furiosas despedaçavam-se em montanhas de espuma, quando entravam em terra.

«Os ruidos subterraneos tornavam-se gradualmente cada vez mais distinctos, e pela volta do meio dia, n'aquelle mesmo dia, Mahá Meru, o maior dos vulcões, estava vomitando chammas de um modo assustador.

«A erupção bem depressa se estendeu ao Gunung Guntur, e a outros montes mais pequenos, até ao ponto de mais de um terço das quarenta e cinco crateras de Java estarem em erupção activa, umas e outras ameaçando-a seriamente.

«Um pouco antes de escurecer formou-se uma immensa nuvem luminosa sobre o Gunung Guntur, e a cratera d'aquelle vulcão começou a vomitar enormes correntes de lodo e de lava branca e sulphurosa, as quaes eram rapidamente succedidas por explosões, seguidas de tremendos chuueiros de cinzas, e enormes fragmentos de rochedos, que eram arremessados a uma altura espantosa, e se espalhavam em todas as direcções, levando consigo para toda a parte a morte e a destruição.

«Juntamente com estas horrorosas erupções, condiziam demonstraões vulcanicas no mar.

«As nuvens que andavam fluctuando estavam tão carregadas de electricidade, que n'uma das occasiões foram vistas mais de quinze immensas trombas.

«Os homens, mulheres e creanças precipitavam-se atterrorizados para fóra das suas habitações vacillantes, enchendo o ar com gritos de horror e de angustia.

«Centenaes de pessoas não puderam sair antes das casas se desmoronarem, e ficaram enterradas e esmigalhadas por debaixo de grandes massas de rochedos e de lodo.

«No domingo de tarde os choques e as erupções augmentaram de violencia, e a ilha parecia estar ameaçada de ser submergida.

«Ao mesmo tempo ondas enormes começaram a precipitar-se de encontro ás praias augmentando cada vez mais de violencia, entrando em alguns sitios

muito no interior, e na terra começaram a abrir-se vastas fendas, ameaçando engolhar os habitantes e os edificios.

«Pela volta da meia noite teve logar a scena mais horrorosa de todas.

«Repentinamente uma enorme nuvem luminosa, similhante á que tinha pouzado sobre o Gunung Guntur, mas muito maior em extensão, se formou sobre a fila dos montes Kaudang, que orlam a costa sudoeste da ilha.

«Esta nuvem augmentou gradualmente de tamanho até que formou uma especie de docel encarnado luido e de cinzento esbranquiçado sobre uma vastissima extensão de territorio.

«Durante este tempo as erupções augmentavam, e correntes de lava se despejavam incessantemente pelos lados da montanha para os valles, varrendo tudo diante de si.

«Pelas duas horas da manhã de segunda feira (27 de agosto) esta nuvem repentinamente se dividiu em pequenas secções e desapareceu, e quando chegou a luz do dia observou-se que uma enorme porção de terreno tinha desaparecido, estendendo-se desde a Ponta Capucin ao sul, até o Negery Passoe-rang, ao norte e occidente, até ao ponto mais baixo, cobrindo pouco mais ou menos o espaço de 50 milhas quadradas.

«Aqui estavam situadas as villas de Negery e de Negery Babawang.

«Nenhum dos habitantes d'estas villas escapou á morte.

«Esta secção da ilha estava menos densamente povoada de que as outras porções, e a perda de vidas foi comparativamente pequena, posto que n'ella estivessem aggregadas umas 15:000 pessoas.

«Toda a fila de montes, que se estendiam ao longo da costa, em semi-circulo, na extensão de umas 65 milhas, tinha desaparecido da vista.

«As aguas da bahia Welcome nos estreitos de Sunda, as da bahia Pepper ao oriente, e as do Oceano Indico no sul, tinham-se precipitado para o espaço submergido, e tinham alli formado um mar de aguas turbulentas.»

Deixemos para o n.º seguinte a conclusão de tamanha desgraça e peçamos a Deus misericordia.

J. DE FREITAS.

## EXPEDIENTE

**Distribuímos hoje a capa para o 5.º volume, e com o proximo n.º distribuiremos o indice e rosto do volume.**